

ÍNDIOS/Crepúsculo de uma raça ③

Uru-Eu-Wau-Wau

OS SENHORES DA TERRA

Reportagem de Anna Muggiati ● Fotos de J. L. Bulcão

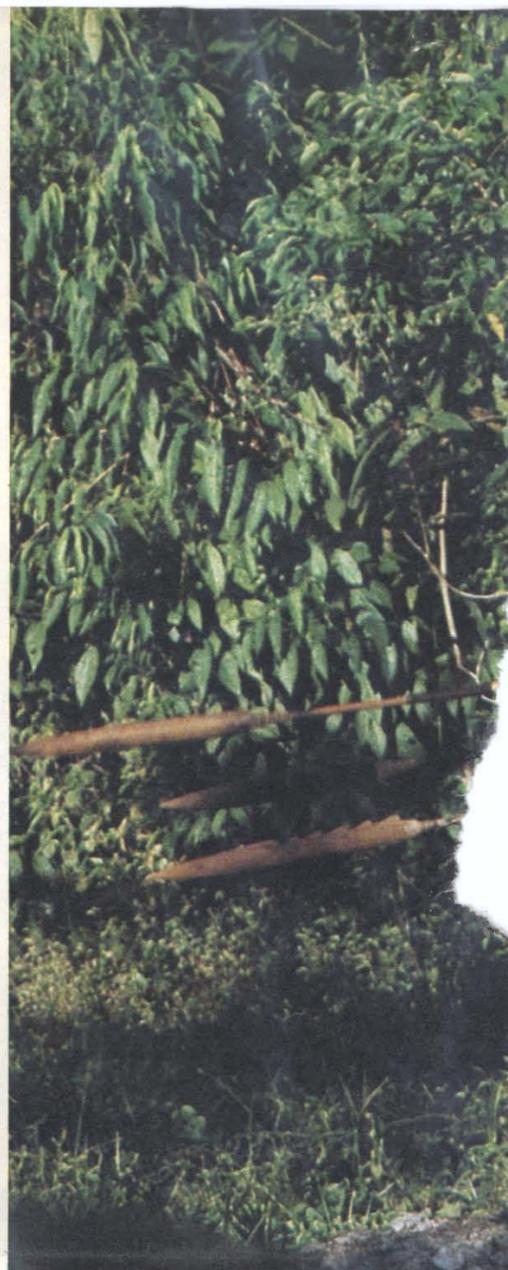
Há apenas duas décadas eles eram os senhores absolutos da terra. Hoje os Uru-Eu-Wau-Wau ocupam a maior reserva indígena do Estado de Rondônia. Estão num intenso processo de transição, mas ainda preservam traços de sua cultura milenar. Com o acelerado processo de ocupação do estado, tiveram sua área demarcada. Atualmente, nas fronteiras invisíveis desta reserva — que também abriga o Parque Nacional dos Pacaás Novos —, os Uru-Eu-Wau-Wau resistem em sua longa caminhada. Fora desta realidade, correm os papéis da burocracia pedindo a revisão da demarcação. Nos limites, graves conflitos entre índios, garimpeiros, madeireiros e colonos deflagram a colonização desordenada, a crise ecológica e social que a Amazônia encena. À margem da crítica situação da tribo, a ala feminina (foto) compõe uma imagem natural de beleza. **SEGUE**



MANCHETE
22.07.85



O guerreiro Uru-Eu-Wau-Wau está pronto para enfrentar os invasores, em nome da preservação da sua cultura.



HÁ ÍNDIOS ARMADOS, AMADOS OU NÃO. QUASE TODOS PERDIDOS DE ARMA NA MÃO

A cultura dos Uru-Eu-Wau-Wau ainda resiste. Já a área que ocupam é muito vulnerável. Há apenas oito anos este grupo foi contatado pela Funai. O conflito pela terra é a marca cravada nos arcos e flechas. A tradição guerreira do grupo provoca uma verdadeira aversão ao colonizador: eles já enfrentaram antigos seringueiros e até outros grupos indígenas. Hoje, passam por um momento delicado de transição, que pode, ou não, alterar irreversivelmente a cultura essencialmente andarilha deste povo. Numa escala cronológica, eles não seriam tão isolados como os índios do Pará, recém-descobertos, nem tão destrutivamente descaracterizados como os Ianomânis, de Roraima.

SEGUE



O grupo Mondawa já manifesta e assimila características do mundo branco. Porém, não abandona o hábito de usar seus adereços comuns a um dia de caça.



A confecção de flechas exige paciência. O acabamento da ponta leva um veneno especial, enquanto as penas de arara e gavião garantem a aerodinâmica.



À MARGEM DOS CONFLITOS, ELES PRESERVAM A HARMONIA SOCIAL

Boacara entoia um canto na madrugada. Um longo e sofrido lamento. A melodia é repetida incansavelmente. O pranto é primitivo e visceral. O índio chora a morte de Djai, o velho líder dos Uru-Eu-Wau-Wau, que se foi há pouco tempo. A floresta, silenciosa, rodeia a maloca. Mais algumas horas e os primeiros raios de sol interrompem o cântico de Boacara. Irá, uma pequena índia, nos leva para o igarapé de água cristalina. É um novo dia, e os Uru-Eu-Wau-Wau — o grupo mais isolado de Rondônia — seguem no caminho das estreitas picadas em busca da caça.

Os índios Mondawa (um subgrupo Wau-Wau) são os mais próximos da fronteira com a civilização, e são visivelmente influenciados por ela. Reagem à nossa chegada subindo no Toyota: em poucos segundos as crianças nos cercam, curiosas com nossa bagagem. Um jovem índio fala um pouco de português e rapidamente desenha um helicóptero num pedaço de papel. Em volta da mesa, mulheres e crianças falam sem parar, ávidas para ver as novidades que trazemos, como o equipamento fotográfico e o walkman. Meus cabelos são examinados pelas crianças. Algumas índias pedem café — que tomam com cara de desagrado. A bagunça, pelo menos aparente, é total. E, neste momento, somos o centro das atenções. O riso corre solto. Estamos apenas a cinco quilômetros da fazenda mais próxima. Ali, a fronteira é nítida: de um lado uma pequena plantação de café. Do outro, a floresta virgem. O tempo corre lento. As jovens mães não deixam seus curumins (bebês) por um instante fora do colo. Os mais velhos preparam flechas, enquanto as araras *de estimação* só atendem ao chamado de seus donos. É difícil imaginar, então, que aqueles são os mesmos índios que já mataram muitas pessoas para garantir seu domínio sobre a terra e sua sobrevivência.

Mas não é apenas a fama guerreira que eles carregam. Nos gabinetes oficiais, há quem os considere um entrave para o progresso de Rondônia. A área é uma enorme *ilha* preservada, cercada de projetos de colonização e estradas por todos os lados. São limites frágeis que ilustram a história deste estado da Amazônia Legal. Uma história deflagrada nos anos 70, quando o chamado *Eldorado* impôs-se como um *modelo* de conflitos sociais, ecológicos e fundiários. “No particular, inquieta o governo a situação superveniente à fixação da reserva Uru-Eu-Wau-Wau, que, aleatoriamente, afetou uma imensa área de 1.800 mil hectares, para uma população desconhecida cujas estimativas andam ao redor de 300 almas”, escreveu o governador de Rondônia, Jerônimo Santana, em 87, ao então ministro da Reforma Agrária, Jáder Barbalho, pedindo a revisão da área homologada para os Uru-Eu.

Parte do processo de revisão foi causado por pressões de setores que consideram um exagero tanta terra para tão poucos índios. Segundo a antropóloga Maria Lucia Macedo, que desenvolve uma extensa pesquisa sobre o grupo, os Uru-Eu-Wau-Wau “têm um modo de vida nômade e permanecem na maloca apenas temporariamente para fazer a roça, guardar utensílios e estocar alimentos.

SEGUE



As crianças brincam em grupo com seus pequenos arcos e flechas. O aprendizado da caça é gradual e tudo tem um ritmo natural, de extremo respeito.



As famílias podem surgir de casamentos monogâmicos ou poligâmicos. A índia filha de canindé, segundo os costumes, é obrigada a casar com o filho de mutum. É a *lei* genética da aldeia.



As araras têm um importante papel para os índios: é delas que vêm as penas mais adequadas para as flechas e cocares.

NA FRONTEIRA COM A CIVILIZAÇÃO, O IMPACTO CULTURAL É EXPLÍCITO

No verão, saem aos grupos para andar, caçar e coletar frutos. Maria Lúcia completa: “Se invertermos o ângulo de visão, como o estabelecimento dos limites do avanço de nossos territórios às nações indígenas, percebemos o seguinte — a demarcação pretende respeitar os padrões de ocupação espacial de um povo. Por outro lado limita seu espaço num determinado tempo.”

O tempo parece estar estagnado em meio aos mondawa. Estamos no posto Trincheira — um dos cinco postos de vigilância que a Funai tem na área, que foi criado em função de várias invasões de colonos em Mirante da Serra. Aqui, cerca de 40 índios, na maioria crianças, convivem com a constante influência das estradas. “A maloca tá ruim”, conta Goipá, um pequeno índio que fala um pouco de português. A maloca foi abandonada há um ano, época em que um surto de gripe atacou os mais velhos. A solução foi rápida: o grupo montou um grande *tapiri* (tenda) de palha ao lado do posto, onde gradualmente assimilam os hábitos da civilização e, por tabela, são molestados por doenças brancas, como a pneumonia e a gripe. O clima entre os mondawa é um misto de tristeza e agressividade. “Mas ainda há esperança”, ressalta Amaury Vieira, administrador da Funai de Porto Velho, “já estamos encaminhando um projeto para que este grupo retorne à maloca e viva como antes”. O passado dos Mondawa, porém, ainda está vivo.

Aproximadamente a 60 quilômetros *via* picada está um grande grupo de Uru-Eu-Wau-Wau. Depois de doze horas caminhando pela floresta, chegamos à maloca, exaustos, já quando a noite caía. Para os índios que nos acompanhavam, nosso desespero físico era uma brincadeira: cada um deles carregava cerca de vinte quilos nas costas, e ainda encontrava energia suficiente para ir abrindo a picada a golpes de terçado. Hugo Pedro, o sertanista que ia à frente, avisa que estamos chegando: a Lua, em quarto crescente, ilumina o pátio e a grande *tapuia* (maloca). Alguns índios recebem Hugo com alegria. Uma velha índia ri de nossos pés encharcados e traz uma panela com água quente.

A sensação é de res-



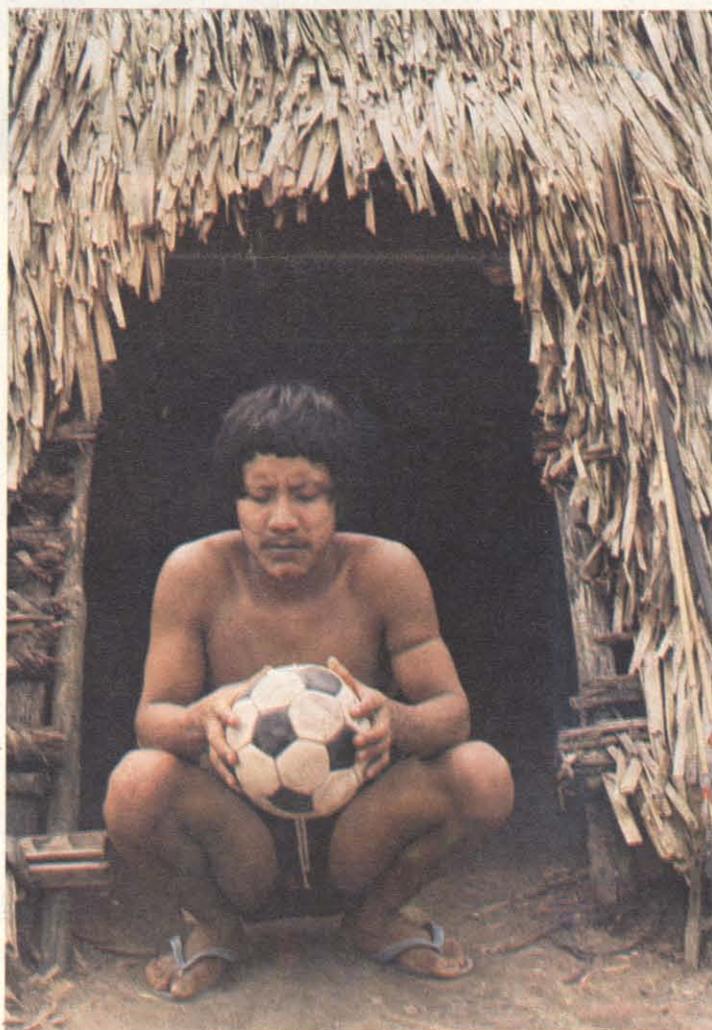
Nos colares, feitos com dentes de anta e macaco e contas de tucumã, uma infiltração urbana: miçangas industrializadas.

gate da própria vida deste povo. O primeiro contato, realizado em 81 pela Funai, ocorreu graças a um conflito que terminou com a morte de três colonos. O caso Chico Prestes — o pai que perdeu os três filhos flechados pelos Uru-Eu-Wau-Wau teve repercussão nacional. Cores trágicas davam o tom da notícia. O filho menor foi raptado, e, segundo a Funai, os índios confessaram que jogaram o menino num buraco de tatu, porque chorava demais. O sertanista Apoena Meirelles, ex-presidente da Funai, liderou a expedição para a atração dos índios que eram considerados, até então, ferozes: “O contato foi feito com o objetivo principal de evitar o caráter punitivo aos índios. O

pai do menino já organizava uma busca armada de vingança, que poderia significar um verdadeiro massacre.” Pedro, que trabalha há nove anos com os Uru-Eu, relembra o contato: “Trouxemos muitos presentes para facilitar o primeiro encontro. Foi difícil, porque a reação inicial era violenta. Após algum tempo, eles apareceram. Djaí estava na frente, armado com arco e flecha, e demorou algum tempo para entender nossa intenção.” Sentado num tronco — que era o único *banco* da maloca —, Hugo observa que até hoje não confia totalmente nos índios: “Esta é a área mais problemática”, explica com visível preocupação — “ainda no ano passado eles mataram duas pessoas. Sofremos, então, a pressão dos colonos vizinhos da área, que pensam que nós é que mandamos matar. Na verdade, os Uru-Eu têm livre vontade sobre o que fazem... matam qualquer invasor sem piedade, como se fosse um animal”.

Longe da área, que sequer tem limites físicos identificáveis, a discussão fundiária volta à tona e preenche pastas de processos burocráticos. A área, demarcada e homologada em 85, sempre foi foco de interesses para a ocupação de colonos, invasão de madeireiros e garimpeiros. A desculpa do invasor é sempre a mesma: que ignorava que o local era área indígena. Para complicar ainda mais a situação, existe também o descompasso legal. Antes da demarcação oficial, o Inbra definiu o projeto de colonização Burareiro ao norte da área indígena, na faixa de terra mais fértil do território.

“Os colonos acabaram vendendo a maioria dos lotes dentro da área indígena para comerciantes, médicos, advogados e madeireiros residentes na cidade de Ariquemes. Os novos proprietários desmatam, afugentam a caça e estimulam a caça predatória, criando um clima de revolta entre os índios Uru-Eu-Wau-Wau”, descreve José Humberto Alves, chefe do Serviço do Patrimônio Indígena da Administração Regional de Porto Velho. Já o antropólogo Mauro Leonel constata, com base num relatório da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), de 1986, que “a Constituição é explícita sobre a anulação de títulos expedidos em área indígena, e um erro de instituição



Na distante maloca dos Uru-Eu, objetos da civilização chegam com rapidez. E só são adotados se agradam à comunidade.



Poté, a pequena índia, ainda não foi tatuada. Mesmo assim, já pode casar. No pequeno igarapé (gua-hua) a brincadeira é das meninas.

pública não justifica outro. Há titulados que jamais exerceram ou exercerão atividades agrícolas, como é o caso de profissionais liberais de Ariquemes, indevidamente habilitados, que, em momento algum, representam os titulados desfavorecidos que são a meta dos projetos de colonização”.

A área dos Uru-Eu-Wau-Wau coexiste com o Parque Nacional dos Pacaás Novos — que inclui 800 mil hectares dentro da reserva. O Parque — destinado à preservação permanente (leia-se sem acesso à exploração da madeira) — foi criado em função de estudos do INPA (Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas), que alertavam sobre os riscos de desmatamento nas nascentes dos rios que formam as maiores bacias do Estado: Guaporé, Mamoré e Madeira. Este é outro fator preponderante para o embate das instituições federais envolvidas: a ausência de uma ação conjunta.

A ACULTURAÇÃO AINDA É REVERSÍVEL

No caso, como parte da área pertence ao IBAMA e à Funai, “seria preciso que houvesse um convênio de fato entre os dois órgãos a fim de estruturar uma fiscalização mais rígida e eficiente”, ressalta Amaury Vieira. Este era um dos objetivos do Pólo-noroeste, que, além de asfaltar a BR-364 no trecho Cuiabá—Porto Velho, se propôs a estruturar os projetos de colonização, demarcar as áreas indígenas e assisti-las. Porém, estradas como as BRs 364 e 429 tiveram impacto definitivo sobre a área. Afinal, conforme atesta Apoena Meirelles, a frente de atração mais forte para os índios são as estradas. “É por elas que chegam os invasores e pelas quais vão os índios realizar a curiosidade pela civilização.”

O posto Trincheira é o exemplo mais claro: a menos de 60 quilômetros da BR-364, no limite do leste do município de Jarú, ele se caracteriza como uma área de conflito. De 85 a 87, mais de 500 pessoas invadiram a região, como o madeireiro José Aparecido, que foi autuado em flagrante com 11 mil metros cúbicos de toras. Em outra ocasião, com o respaldo de uma liminar da Justiça, uma operação con-

junta do Pelotão Florestal, Funai, IBDF e da Polícia Militar retirou 600 pessoas da área.

Longe da fronteira, entretanto, a reserva indígena ainda é preservada. Os traços do contato, porém, já são parte absorvida pelo grupo. Mandei, Irá e Poté mostram seus colares coloridos, dentes de onça, anta e macaco misturam-se às delicadas contas de tucumã, e miçangas *made in São Paulo*, que destoam o conjunto. Às costas, a arte final é a cara da civilização: tampinhas plásticas de remédios são penduradas, formando um cacho colorido. Elas se mostram interessadas por algumas camisetas. “*Catua*” (bonito) — é a exclamação reservada para outros inusitados objetos, como sacolas de plástico e tubos de repelex. Um grupo de crianças se agita na mata — o pequeno Puré vem de arco e flexa em punho, mostrando a caça — um pequeno rato-do-mato. As crianças andam livremente pelo pátio — nos três dias que ficamos lá, nem um ensaio de berreiro... Mas o interesse principal era sobre o *walkman*: ouvindo Mozart ou Pink Floyd, o fascínio era o mesmo. A tarde chegava ao fim e os três índios adolescentes revezavam-se no aparelho mágico, falando alto, “*catua, catua*”.

A grande *tapuia* — a maloca principal — tem apenas uma minúscula porta de entrada. Lá está enterrado Djaí, debaixo do local em que costumava dormir. No teto, centenas de espigas de milho estão penduradas, secando, armazenadas. O *iwa* (milho) é a base alimentar dos Uru-Eu-Wau-Wau, junto ao inhame, mandioca, cana e mamão. As espécies estão plantadas de uma forma aparentemente desordenada, imitando a composição da floresta: “Este tipo de agricultura, porém, obedece a uma lógica adaptativa, peculiar às características da floresta. Esta área de plantações, dentro de toda a extensão da reserva, não chega a totalizar um hectare”, observa a antropóloga Maria Lúcia, e completa: “A economia indígena mantém o equilíbrio ecológico da área. Uma vez que os solos são muito pobres, não suportam mais de quatro anos de fertilidade. Entretanto, como são abandonados em pouco tempo, a área se recompõe rapidamente, não causando distúrbios ecológicos.”

A organização familiar destes índios também guarda seus segredos: dividem-se em pequenos grupos de parentes em unidades residenciais. As malocas são abandonadas algum tempo depois que alguém é enterrado no local.

O lugar torna-se, então, sagrado. Após um longo período — de cinco a dez anos —, os ossos são desenterrados e levados para a nova *tapuia*. A pequena índia Irá, que me acompanhou o tempo todo na maloca, fala em seu escasso português: “Casei já. Tá na maloca longe. Ruim ele. Tia chamou e o pai levou o irmão. Disse pra ele não casar.” Irá deve ter uns onze anos, e ainda não tem a tatuagem no queixo. As índias mais velhas explicam, em mímica, que, depois de tatuadas, elas podem ter filhos. Um pequeno dicionário feito no posto auxilia a comunicação. Enquanto Bulcão, o fotógrafo, faz anotações num caderno, Iandu, um menino de uns dez anos, segura uma vela para iluminar o papel. Some por um mi-



O paraguaio Lorenzo Recalde invadiu a área ano passado — e *sumiu*. Mais uma vítima de uma guerra sem tréguas.

nuto. Volta, então, com um papel de cigarro todo rabiscado, imitando nossa escrita. Neste momento percebemos o quanto é difícil entender, e ser entendido, naquele universo. Deixamos a maloca ao amanhecer, levando uma grande interrogação na bagagem.

Na volta, na infinita picada, os três índios — Catapora, Sócrates e Guari — ganham minutos de diferença à frente do nosso passo lento. Andar e perambular pela mata, caçando ou *namorando*, é um hábito cultural deste grupo. A picada corre no vão da mata: nenhuma árvore é derrubada para facilitar o caminho.

SEGUE

WAW-WAU AINDA HÁ ÍNDIOS NÃO CONTATADOS

Sessenta quilômetros adiante, o asfalto da BR-364 nos espera. O grupo liderado por Canindé, um dos guerreiros, ficou longe. A terra sagrada dos Uru-Eu-Wau-Wau fica distante, então, dos processos burocráticos. A temporada do verão (seca) está chegando, e, com ela, os invasores. No limite oeste da reserva, perto de Guajará-Mirim, não há estradas, mas existem três grandes seringais antigos que ficaram dentro da demarcação e até hoje não foram desapropriados. Contam os sertanistas que grandes massacres já ocorreram no local.

Enquanto parte de brancos defende e outra parte pede a diminuição da área, apenas 20 pessoas estão distribuídas pelos 5 postos de fiscalização e pelos dois de atração. “Desde o primeiro contato, nosso objetivo é guardar as fronteiras. Na verdade, o ideal seria não ter acontecido o contato. Temos aproximadamente uns 600 índios na área. Entretanto, acredito que se não fosse feita a demarcação não haveria hoje nem um índio para contar a história”, defende Amaury Vieira. “Diminuir esta área — diz ele — é uma tolice. Comprovadamente já existem índios contatados e outros ainda isolados. E, principalmente, porque a área compreende também um Parque Florestal.”

“Não sei pra que tanta terra pra tão pouco índio. A gente quer plantar. Índio só produz pra ele”, diz, desconcertado o agricultor Afonso Soares, que cultiva 250 hectares dentro do Projeto Burareiro (fora da área indígena). A saga do confronto ainda está no começo. Dezenas de garimpeiros penetram na área, madeireiros procuram a entrada. Daqui a algum tempo Boacara, o índio que cantava, poderá ter outro nome — pois eles trocam de nome muitas vezes, devido a acontecimentos que consideram importantes. O futuro dos Uru-Eu-Wau-Wau é tão incerto quanto a confusão burocrática que paira sobre a área. Entretanto, enquanto estiverem vivos, sempre haverá uma flecha sendo lançada. E sempre um índio entoando um lamento no escuro da noite.

Wau-Wau, A a Z

A língua dos Uru-Eu-Wau-Wau foi identificada há apenas cinco anos. Este grupo é classificado como Tupi-kawahib, da família Tupi-guarani, do tronco Tupi. O glossário abaixo foi feito durante a reportagem na área, com a ajuda de um intérprete parintintim. Foram as palavras mais usadas e mais ouvidas durante todo o trabalho.

Aconae — espera
Uheu — água
Tatá — fogo
Amana — chuva
Andaran — trovão
Amberam — raio
Ta Hu — comida/bebida
Ira Wan Wan — brincadeira
Bo Hura — soltar
Canantára — cocar/chapéu
Hã-Hua — flecha
Ura Para — arco
Ita Huia — facão
Cunhã — mulher
Cumba Hé — homem
Tu Inté — curumim

Apinãgã — Pai
Tumaiã — mãe
Arã Hirá — filho
Epuçã — sorriso
Amputuna — noite
Embulhal — cantar
Canindé — arara
Apomatera — cozinhar
Ai Tira — dormir
Hu-hua — igarapé
Gua Hua — pequeno igarapé
Tapuia — maloca
Tapira — anta (a caça preferida)
Pi Hua — mosquito
Catua — bonito

OPINIÃO

Índio e cidadania

Sylvio Back



Com Sting, Raoni cobra culpas européias, em verdes dólares.

François Derrigny/Gamma-Sigla

Às vésperas de se comemorar os quinhentos anos de fundação do genocídio americano, o que parecia impensável ocorre natural diante de nossos olhos: a volta por cima do descoberto, que agora invade a praia e a corte do descobridor.

Uma viagem de signos tão insólita quanto emblemática: o índio Raoni, do alto de sua majestade guerreira e ecológica, cobrando reparação, em dólar, da constrangida e culposa Europa, nos remete aos primórdios da conquista, com outro gosto e novo alento.

Montaigne tinha razão. Índio não quer apito, índio quer direito à vida, à “sua vida”. O “selvagem” romântico, tão “bom” que acabou escravizado e morto por espanhóis e portugueses abençoados com o perdigoto divino da Igreja — na sua versão moderna, desvencilha-se da tralha imperial que o tem agrilhado desde quando Colombo fincou a primeira cruz no Continente. E sem nenhuma coincidência, a forma dela é a mesma da espada...

Desde então, aqueles “neo-humanos”, desafeitos à acumulação e à fortuna, afeitos, isto sim, à integração cosmogônica com a natureza, vêm sendo assujeitados, amordaçados e amortalhados. São milhões de almas penadas de dedo em riste acusador na “cara pálida” do “heróico” civilizador.

Neste final de milênio, o chamado “primitivo” consegue restaurar (e auto-restaura) a grandeza primeva, a beleza mítica, a força telúrica e a “cidadania” selvática que lhe foram surrupiadas pelo agressor europeu. Antes e depois, na África, Índia, China e Japão, brandindo o mesmo elenco de preceitos e preconceitos coloniais embalados por um panteão de divindades alheios ao “novo mundo”, o conquistador quebrou a cara na tentativa de subjugar a cultura do autóctone: aqui teve que quebrar o corpo do índio para se impor, mas jamais lhe vergou a espinha lúdica, a sua vocação ímpia.

Essa “cidadania” virtualmente macerada pelo vezo etnocêntrico em transformar o índio em “fidalgo” de segunda categoria (como nas “reduções” jesuíticas do Paraguai e Sete Povos das Missões), em cristão serviçal, em “bóia-fria” ou em posseiro (sem posse...) do chão legítimo de seus antepassados, ela volta agora sob nova epígrafe e com indistigável sabedoria.

O “incapaz” de antanho, o alvo certo da concupiscência capitalista e da voracidade evangelizadora da Igreja, cresceu, tomou tento do crime, da reversão da roda da história. E, ei-lo, como Raoni, com chefes de Estado e anacrônicos reis e rainhas simbolicamente beijando-lhe a mão, como um filme feito à época de Luiz XIV, magicamente revisitado.

Só que, agora, o índio abandonou a vitrina do folclore, da crônica do vencedor e da “minoridade” civil. Ironicamente, só conseguiu

atingir esse patamar de poder apropriando-se do mesmo instrumental ideológico do seu predador, temporal e espiritual. Mas, ironia à parte, o susto permanece: índios “mortos”-vivos com os verdadeiros e únicos interlocutores hábeis dos seus algozes históricos, hoje assestam seus facões na jugular da consciência branca, exigindo igualdade de direitos e deveres. O antigo “incivilizado” reconduz a humanidade à civilização. O mote: a destruição da natureza é a bomba de nêutrons de todos nós.

Daí sintomático assistir a índios “seqüestrando” funcionários autoritários do governo, índios — de Winchester em punho — desafiando fazendeiros assassinos. Índios batendo a borduna contra as “frentes de progresso” (baragens, estradas, minerações etc.) num tom que nem de longe lembra algum lamento religioso ou um protesto reivindicatório. É um atávico grito de guerra.

Índio não quer mais espelhinho e verbo vaticano. Índio quer direito à cidadania. É o que se vê, a cada dia, mais consistente: a recaptura do seu legendário equilíbrio social e espiritual secularmente oprimido e ocupado pela pólvora e a lábia do conquistador. E essa tomada de consciência (se a palavra couber...) já não mais se limita a garantir o horizonte de suas terras, mas o horizonte absoluto, o de seu universo cosmogônico.

O poder do índio é a sua energia mítica. Nela se aloja sua inquebrantável força e gana, digamos, existencial... Por isso, nada surpreendente que a Igreja (recém, as comunidades evangélicas de forma até mais violenta) — desde sempre — tenha ficado na cola e usufruído das más intenções do branco genocida.

A Igreja foi (e continua sendo, com novo e mais sofisticado aparato evangelizador — de extrato pedagógico-militar herdado aos jesuítas multinacionais das missões do Paraguai) o principal agente destribilizador do indígena americano.

Graças à evangelização, que pressupõe hierarquia política e submissão mental, que o colonizador pode, impunemente, transformar valentes guerreiros e xamãs iluminados em dóceis operários dessalariados e cristãos descartados.

Hoje, sacudindo essa autêntica agressão aos seus direitos humanos (em Londres de meados do século 17, nascia o primeiro decálogo dos direitos do cidadão), que o índio reassume elo perdido do imaginário “selvagem” da América: o índio invencível, livre e dono do seu destino terreno e cósmico. A cidadania original reconquistada.

Sylvio Back, cineasta, diretor dos filmes *Lance Maior, A Guerra dos Pelados, Aleluia, Gretchen, República Guarani, Revolução de 30 e Guerra do Brasil*, acaba de publicar *Pensar E Insalubre* (Imago Editora), uma reflexão crítica sobre a evangelização indígena, da conquista aos dias de hoje.